

Museu ou Casa das Maravilhas

Isabel Soares (*)

Num dos giros pelo interior sulista visitei uma freguesia, afastada do litoral turístico algarvio, no concelho de Loulé, a conhecida e típica aldeia de Alte.

Nesta terra distante da “era do betão” e “agasalhada” por montes e ruelas estreitas, onde nascera nos finais do século XIX, o famoso poeta Cândido Guerreiro, desencantei uma verdadeira “casa das maravilhas” talvez até uma versão moderna de um “gabinete de curiosidades”, ainda que os objectos não me tenham parecido raros ou estranhos.

Ao percorrer as calçadas e escadarias, notei por cima da porta de uma casa, uma pequena placa que dizia “ Museu Regional”, espreitei por entre essa porta semicerrada e defrontei-me com um sapateiro a trabalhar sobre uma pequena bancada, num espaço acanhado onde as paredes eram forradas pelos mais variados e agrupados objectos.

O senhor gentilmente convidou-me para conhecer o seu “museu regional”, visita que ficou na minha memória, por torna-se impossível descrever e dificilmente identificar, por mais olhos que tivesse, os milhares e milhares de objectos que habitam e entopem todos os espaços, cantos e recantos livres daquela habitação, escadas, corredores, tudo serve para expor toda a “quinquilharia”.

Atenta à visita orientada para que não me escapassem os pormenores dos engraçados agrupados de objectos expostos, segundo uma lógica muito pessoal e peculiar, verifiquei que tudo se encontra legendado e datado, embora sem qualquer critério científico. Tudo pode ser encontrado numa parede ou corredor, desde os mais desusados e insólitos objectos, a peças e espólios pertencentes a profissões e ofícios que são verdadeiros testemunhos da nossa história recente e num estado aparentemente bom. Segundo o responsável do espaço, o “acervo” resulta do seu gosto por coleccionar objectos e sobretudo das doações feitas pelas pessoas da terra que admiram a sua dedicação e compreendem ser este o “Museu” da Terra. Tudo isto, reflecte a opinião de um velho sapateiro que com as suas colecções privadas, vive numa aldeia que teima em parar no tempo, mas que não consegue deter os sinais da modernidade, num lugar onde se mistura uma espécie de “casa de curiosidades” com o pólo museológico, “ Cândido Guerreiro”cuja tecnologia e museografia são marcas de um conceito museológico moderno e bem distinto, situado mesmo ao fim da rua.

Estes “espaços” tantas vezes designados de museus, pólos ou núcleos museológicos, têm as suas raízes na comunidade e ganham relevo na vida das pessoas que representam, no entanto afastam-se do actual conceito de Museu que investiga, incorpora, inventaria, documenta, conserva, interpreta e comunica, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade.

O uso indiscriminado do termo e a proliferação de espaços auto denominados de “Museus” é uma realidade, no nosso País. Isto leva-nos a questionar se estes espaços serão lugares de aprendizagem e deleite ou apenas uma espécie de “espectáculo” onde o público também participa?

(*) Museologia/Arqueóloga. Sócia da AGEAL